

O Ginja

por Márcio Seabra Novais

Uma tarde as mulheres que vinham do poço com os potes de água à cabeça, ouviram uma grande algazarra, de um bando de garotos, que desciam a correr o caminho das adegas. Vinha à frente o Ginja, chefe daquele bando. Na estrada encontraram-se com um outro com quem andavam de rixa, por causa de uns filhos. Assim que se viram pegaram em pedras e uma saralhada de calhaus caiu sobre cada um dos grupos. As mulheres berravam, insultavam-nos, gritando que lhes partiam os potes, mas eles não as ouviam. O Ginja, o mais temerário de todos, avançava sobre os inimigos, e se não fôsse uma pedrada certa, que lhe rachou a cabeça, tinha-os vencido.

Ah! filhos... que me mataram! gritou deitando-se ao chão. Os que lhe tinham partido a cabeça, quando o viram cheio de sangue, fugiram e os companheiros ajudaram-no a levantar-se e levaram-no para casa.

Quando a mãe o viu ensanguentado, fez um grande alarido. Ai! meu rico filho que o iam matando! Vádio! Malandro! Ainda um dia me aparece morto! Deixa estar que para a semana já vais para a escola! E entre carícias e sopapos, lá o foi curando.

O Ginja era um garoto como todos da aldeia. Descalço, com umas calças que só tinham remendos e buracos e lhe chegavam a meio das pernas, uma camisa muito suja a que se não conhecia a cor, cabelos desgrenhados e crescidos, o ranho seco por cima do beijo, fazia lembrar uma pústula, a que a porcaria acumulada na cara durante uma semana, dava o aspecto nojento que tem todos os garotos que povoam as ruas da aldeia.

Era o mais traquinas de todos os rapazes do lugar. Desfemido e descarado, pessoa que com ele se metesse nunca levava a melhor. Os rapazes fugiam dele, e as pessoas crescidas nunca lhe mostravam os dentes. Quando a mãe foi pedir à professora que o admitisse na escola, esta desenganou-a logo.

Que o não podia aceitar, que a lotação estava esgotada e adiante dela já tinha cincoenta e tantos pedidos. E era verdade, mas a mãe lamentava-se: a senhora não o quer lá por ele ser o maior giribita cá do lugar; mas chegue-lhe, minha senhora, chegue-lhe sem dó porque só assim se pode fazer alguma coisa dele.

Como não conseguisse con-

venecer a professora, foi pedir ao sr. João Ganância, que se interessou e o rapaz foi admitido.

Na escola nunca mais houve socêgo. Nada parava à sua roda. Beliscões nas raparigas, borrões nos cadernos dos companheiros, provocando gritos, protestos, queixas.

—Minha senhora, roubaram-me o lápis!

—Minha senhora, este menino deu-me um beliscão!

Era um nunca acabar de queixas. E a escola nunca mais funcionou em ordem, desde que aquele vivo demônio para lá entrou.

A professora chegou a expulsá-lo. Mas o João da Loja, com quem ela estava para casar, pediu-lhe que readmitisse o rapaz. Que não, opunha ela, que estava já farta, fartíssima de o aturar.

O noivo insistiu. E' que a mãe do Ginja era uma boa freguesa da loja... Não convinha portanto desagradar-lhe: pagava o rol todas as semanas, e freguesas destas—não sei se compreendes... não se arranjam todos os dias. Ela acabou por ceder e o Ginja lá continuou fazendo das suas.

Ainda andou na escola uns dois anos.

A profesora era nova—teria uns 26 anos, gorda, indolente e feia, e mais estúpida ainda do que feia. Raro seria o mês que o inspector não tivesse que devolver-lhe os mapas, pelos erros ortográficos com que normalmente os preenchia. Uma vez apareceu-lhe um aluno que dizia chamar-se José da Adelaide, e assim escreveu sempre o seu nome até que teve de fazer exame. Para isso tiveram que lhe tirar a certidão de idade e nela a professora viu escrito José Anacleto em vez de José da Adelaide, como ela lhe chamava. Havia engano concerteza. E para que o nome acertasse com a certidão... vá de emendar a certidão. Foi um escândalo na inspecção escolar! Mas o inspector teve dó dela, coitada, e limitou-se a mandar-lha substituir por outra.

Como método pedagógico, esta senhora apenas conhecia a menina dos cinco olhos e os

berros. Usava-a porém com método, e só em último recurso, porque para se não mexer, substituiu de bom grado a palmatória pelo berro.

Como estava noiva, levava para a escola roupa para coser e bordar. Para estar mais socegada passava então intermináveis contas e cópias aos rapazes. Quando eles acabavam mandava-lhes trocar os cadernos para que se corrigissem uns aos outros. Mas se os pobres petizes nada lucravam com isso, a professora em compensação continuava fazendo o enxoval.

—Está quieto Ginja, olha que apanhas! Ai que eu dou-te uma dúzia de bolachas!

E como o Ginja não socegasse, fazendo um grande esforço levantava-se da cadeira, como se estivesse atarrachada, largava o bordado, e ia até à bancada puxar-lhe as orelhas—único meio que se lhe oferecia de conter o Ginja em respeito. A autoridade moral diminuía-lhe à medida que aumentava de volume e progredia o enxoval. A barriguinha então parecia que se via crescer.

Uma vez que ela voltava para a secretária e já toda entregue aos seus bordados, a Odette, filha do sr. Serra, disse em surdina, para o Ginja:

—Não tens vergonha, coitadinha da senhora tão doente, mal se pode mexer, e tu sempre a fazeres barulho!

—Ah! doente estou eu do puxão de orelhas que ela me deu!

—E's muito mau! Não vez como ela está amarela e inchada, coitadinha!

E o Ginja, olhando de revez, com um sorriso de garoto sabido:—Doente! Vai perguntar a doença dela ao João da Loja! O que ela está é pretnha!

—Ai! desavergonhado! disse a Odette com um gritinho e corando muito.

Os outros rapazes riam, e a professora levantando a cabeça do bordado, gritou:

—Mas que reinação é esta?

Todos baixaram as cabeças para os trabalhos que fingiam estar a fazer. Mas a Odette não estava ainda satisfeita e continuou:—Porque é que tu

estás sempre a dizer mal da senhora?

—Eu não digo mal dela, eu digo o que é verdade.

—Tu tens embirração com ela!

—Ela é que tem embirração com a gente! como a gente não tem dinheiro para lhe dar presentes, trata-nos sempre à pancada, com maus modos, e até nos chama por alcunhas: O' Coxo, está quieto! O' Ginja olha que apanhas! Agora para os ricos é: O' menino Menelico, já fez a conta? Menino Joãozinho, faça favor venha à lição! e imitava-lhe a voz dengosa e subserviente.

Os outros riam, mas a senhora preocupada com o bordado nem se dava já ao incômodo de os ouvir.

Só o Joãozinho protestou.

O Joãozinho era filho dum dos maiores proprietários da freguesia, a quem um criado vinha trazer todos os dias de charrete, da quinta onde morava. Era um menino alto, esgroviado e pálido, que apesar de ter já 14 anos, ainda não conseguira passar no exame, mesmo com os enormes presentes que o pai mandava à professora e aos examinadores.

Sentindo-se alvejado, e lembrando-se que todos os dias ouvira dizer ao pai que os trabalhadores eram uns ladrões, uns malandros, que só trabacima deles, respondeu-lhe:—O que tu tens é inveja! Se não lhavam quando andava em fôsses os ricos como é que vocês comiam? Vocês comem porque a gente lhes paga! O que vocês queriam era roubar-mos o nosso querido dinheirinho, que tanto custa a ganhar aos nossos pais!

Os olhinhos pequeninos do Ginja faiscaram. Num salto, pega num tinteiro, deita-o à cara daquele menino esgroviado e pálido, e foge porta fóra, para não tornar a voltar à escola.

Ela sabia que a mãe o tiraria da escola na semana seguinte, porque apesar dos seus franzinos dez anos, já podia com um caneco cheio, e como o sr. Ganância tinha começado a toda a pressa com a segunda sulfatação, ele iria dar serventia aos homens. Sempre eram dois mil reis que iria ganhar por dia, e a mãe, pobre e sózinha, não os podia dispensar.

O Ginja sabia isto, e aproveitou a discussão para partir a cara àquele menino esgroviado, que os humilhava constantemente com os descriptivos das suas grandezas. E foi assim que fechou a sua vida escolar.

"O Diabo"

Grande semanário de literatura e crítica.

Publica em todos os números: Ensaços, literatura de ficção, páginas de antologia, movimento de ideias, cultura científica, economia; crítica de livros, teatro, artes plásticas, cinema, rádio e desportos; Revista das revistas, revista de livros, «Coisas de «O Diabo», etc.